

Brasil reduz sua dívida em US\$ 1 bilhão

País trocou com cem bancos credores títulos da dívida por bônus de saída

SUELY CALDAS

RIO — O Brasil concluiu ontem acordo com cem bancos credores (dos Estados Unidos, Europa e Japão), de troca de títulos da dívida brasileira, no valor total de US\$ 1 bilhão, pelo mesmo valor em exit bond (bônus de saída), reduzindo assim sua dívida externa. Os novos papéis têm prazo de resgate de 25 anos, com dez de carência e taxa de juros fixa de 6% ao ano, mas nesse período os bancos podem trocá-los no Brasil, em cruzados, por BTNs cambiais (que têm dois anos de prazo de resgate), embutindo assim uma operação disfarçada de conversão da dívida, com a desvantagem de não terem o deságio que normalmente tem acompanhado as operações de conversão.

Ao anunciar ontem, no Rio, o primeiro lançamento do bônus de saída brasileiro, o coordenador de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda e também negociador da dívida, Sérgio Amaral, comemorou a operação como "a primeira de redução da dívida com bancos que o Brasil faz em condições vantajosas, sem oferecer garantias".

Há, certamente, a vantagem de jogar o pagamento para o futuro mas, na medida em que o banco pode utilizar o dinheiro para realizar investimentos no Brasil, por meio dos BTNs cambiais e sem nenhum deságio,

mesmo que num período mínimo de dois anos (portanto, com pressão sobre a inflação só no próximo governo), sem dúvida significa um retrocesso em relação às operações de conversão, que continham deságio de 30% a 40%. Atualmente, os títulos da dívida brasileira são negociados no mercado secundário com 70% de deságio, o que significa que cada dólar da dívida vale 33 centavos lá fora.

Além disso, a negociação para troca pelos bônus de saída tem outra desvantagem: os cem bancos credores fecharam suas portas a futuros créditos para o Brasil, já que impuseram a condição de não mais emprestar dinheiro no futuro. Segundo Sérgio Amaral, essa desvantagem não é significativa, uma vez que os cem bancos são de pequeno e médio porte e não têm tradição de grandes operações com o Brasil. Ele disse também que a taxa de juros fixa em 6% é vantajosa, na medida em que hoje o Brasil vem pagando juros de 9,5% (a Libor mais 13/16).

Na próxima semana, Sérgio Amaral e o diretor da Área Externa do Banco Central, Armin Lore, se reunirão em Nova York com o comitê de bancos credores para negociar o tratamento que o Brasil vai dar aos pagamentos em atraso e aos US\$ 2,3 bilhões que vencem ao longo de setembro. Sérgio Amaral admitiu ontem que o Brasil tem atrasado "alguns pagamentos" (não especificou o valor) desde julho e só os débitos com o Clube de Paris estão em dia. Acrescentou que entendimentos com o FMI estão em andamento, mas não quis revelar seu estágio.